

A DISLEXIA EM SALA DE AULA

Kaline Araujo Resende ¹

Lessana Kemiak ²

Renata Tito de Paula ³

Orientador do Trabalho: Maria Da Guia Rodrigues Rasia ⁴

RESUMO

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem caracterizado pela dificuldade na leitura e na escrita. Essa dificuldade é devido ao déficit no componente fonológico. Mas como qualquer pessoa com déficit ou necessidades especiais, o aluno disléxico também tem o direito de um ensino de qualidade. Os alunos que possuem dislexia estão presentes no ambiente escolar, mas devido a falta de conhecimento de muitos profissionais que estão inseridos na escola, grande parte destas crianças são esquecidas no fundo da sala de aula. Os professores, por vezes, não adaptam sua metodologia de aula para atender aos alunos disléxicos. Por falta de auxílio, estes acabam por não se desenvolver como deveriam, causando a repetência, evasão, ou seja, o fracasso escolar. Por mais que a dislexia não seja um transtorno grave, é necessário que o aluno com esse distúrbio tenha um acompanhamento adequado tanto em sala de aula quanto por um psicólogo. Assim, este artigo é fruto de uma pesquisa de campo, com teor qualitativo, tendo como objetivo principal investigar como a dislexia em sala de aula é tratada, a partir de uma observação com uma aluna do 2º ano do ensino fundamental I, numa escola municipal de rede pública, situada na cidade de Queimadas – PB. Dessa forma, concluímos que, por mais que o professor não possa diagnosticar o transtorno, o seu papel é essencial não só para identificação da dislexia, mas também a intervenção e desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Dislexia, sala de aula, fracasso escolar.

INTRODUÇÃO

Sabemos que toda escola tem suas especificidades, cada sala possui alunos diferentes, no qual cada um traz suas singularidades. Ao longo do ano, o professor tem a oportunidade de conhecer a sua turma, as individualidades dos educandos e adaptar sua metodologia de aula para que a aprendizagem ocorra de forma eficiente, abrangendo a todos os alunos. Este processo é contínuo e precisa percorrer por toda a educação básica. Porém, muitas vezes, as crianças chegam ao fim do ensino fundamental sem ao menos estarem alfabetizados.

São diversos os motivos que levam os alunos a apresentarem dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita. Quando a sala de aula possui algum aluno com esta

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalineresende@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lessanakemiak@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, renatatito3@gmail.com

⁴ Professor orientador: Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

dificuldade, é necessário investigar a fundo os motivos que causam a mesma, analisar tanto a escola e suas metodologias, como também o aluno. Visto que uma das causas da dificuldade do processo de alfabetização é a dislexia.

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem, caracterizado como uma falha na habilidade de escrita e leitura, principalmente na decodificação das palavras. Estas dificuldades não são esperadas na fase que a criança se encontra, devido a isso, é necessária uma atenção especial. Os sintomas apresentados por alunos disléxicos variam de acordo com o nível do transtorno. Assim, a criança necessita de um diagnóstico feito pelo neurologista, além de precisar ser acompanhada por uma equipe especializada de acordo com as necessidades da criança, para que junto ao professor, desenvolva-se integralmente.

Nesta perspectiva, este artigo traz como problematização o que é a dislexia, suas características e formas de se trabalhar com este aluno em sala de aula. Tem o objetivo de investigar como a dislexia é tratada dentro da sala de aula, especificamente com uma aluna do 2º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola municipal da rede pública, situada na cidade de Queimadas/PB. Trata-se de um estudo de campo com teor qualitativo, realizado durante a disciplina de Psicopedagogia, ofertada no quinto período do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - *campus* I), no ano de 2018. O estudo toma como referência Carneiro (2011), discutindo sobre as atitudes de pais e professores em relação às crianças disléxicas; Ciasca (2006), abordando sobre os distúrbios de aprendizagem; Funayma (2000) e Martins (2003), discutindo acerca da dislexia e suas características; Gutschow (2004), dialogando a respeito da dislexia do desenvolvimento; Montanari (2015), que trata da dislexia em sala de aula; Titoni (2010), trazendo uma discussão acerca de formas de se trabalhar com o aluno disléxico.

METODOLOGIA:

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da rede pública, situada no município de Queimadas/PB. A escola é composta por onze professoras, sendo que destas onze, uma delas é auxiliar de classe e outra cuidadora. Possui também uma orientadora e uma supervisora. No total, a escola atende a 114 alunos, durante os dois turnos (manhã e tarde), distribuídos entre o pré II ao 5º ano, sendo a maioria de baixa renda. Em relação à estrutura, a escola possui 6 salas de aula e uma sala de informática.

A aluna disléxica pesquisada está matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental I, a sala possui vinte e sete alunos, com uma professora titular e uma cuidadora. Atualmente, o

aluno que a cuidadora atendia afastou-se da escola, desde então a cuidadora auxilia a professora durante as atividades realizadas em sala de aula.

Para o desdobramento desse trabalho, realizamos uma pesquisa com caráter qualitativo, na qual fizemos o uso da entrevista presencial para a coleta de dados, procurando compreender, assim, a subjetividade e as particularidades do objeto de estudo. Em relação ao estudo qualitativo, Godoy (1995, p. 21) frisa que:

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando 'captar' o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

A entrevista, por sua vez, foi feita com uma professora do 2º ano do ensino fundamental I de uma determinada Escola Municipal na cidade de Queimadas – PB. Foram utilizadas cinco perguntas ao longo da conversação. A primeira foi em relação ao entendimento da professora sobre dislexia. O segundo questionamento buscou averiguar, no contexto da sala de aula, a existência de algum aluno disléxico e se o mesmo possuía diagnóstico. Após confirmarmos que havia um aluno disléxico, a terceira indagação procurou identificar se a professora fazia uso de metodologias adequadas para ensinar a criança. Já o quarto questionamento foi a respeito das dificuldades enfrentadas pela professora para ensinar o aluno disléxico. Para finalizar, a quinta pergunta teve o objetivo de descobrir se a família dava suporte ao aluno.

Durante a entrevista, buscamos examinar o discurso da professora ao longo de cada resposta. Assim sendo, para a análise e interpretação dos dados obtidos por meio da entrevista, utilizamos tanto os textos estudados em sala de aula durante o componente curricular, como também a fundamentação teórica utilizada no trabalho, buscando maior veracidade possível.

A DISLEXIA NO CAMPO ESCOLAR

O termo Dislexia foi utilizado pela primeira vez em 1872 por Rudolph Berlin, um médico oftalmologista alemão, com o objetivo de nomear uma dificuldade em leitura apresentada por um de seus pacientes. Em 1896 ele foi utilizado novamente pelo médico britânico Pringle Morgan, que apresentou um jovem de 14 anos que não tinha dificuldade intelectual nem dificuldade visual, mas tinha muita dificuldade na fonologia. Mas até então os

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

psicólogos e educadores não deram muita importância aos distúrbios específicos de linguagem, só se concentravam no aspecto pedagógico do problema.

A dislexia surgiu inicialmente como um problema oftalmológico, sendo identificada como uma lesão cortical em crianças com inteligência normal, porém com dificuldades na leitura e na escrita. Hoje em dia, os estudos mais recentes estão no campo psiconeurológico.

É caracterizada como um transtorno específico que ocorre no processo da leitura, escrita e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Ela torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de não haver problema intelectual e nem distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem.

A dislexia é um distúrbio genético e neurobiológico que resulta de um déficit no componente fonológico da linguagem. É importante destacar que a dislexia não tem relação com preguiça, falta de atenção ou ainda má alfabetização. Contudo, destaca-se que a pessoa disléxica tem características físicas normais, não é considerada deficiente e possui um QI normal. Esses fatores muitas vezes levam a uma maior dificuldade em chegar ao correto diagnóstico.

As causas exatas da dislexia ainda não estão completamente claras, mas estudos com neuroimagem demonstram que há diferenças no desenvolvimento e funcionamento cerebral, como também existe um forte indicativo de componente genético, levando em conta que os estudos clínicos indicam que mais de 50% das crianças com dislexia têm pais e irmãos com o mesmo transtorno. Sendo assim, a presença de familiares com dislexia aumenta a probabilidade de ocorrência do transtorno.

Como visto, a Dislexia é um transtorno que afeta o aprendizado da criança e que pode ser diagnosticada no período de alfabetização. Desse modo, o sujeito tende a apresentar dificuldades para decodificar as letras, como também atividades relacionadas à leitura e, dessa forma, não consegue ter o mesmo rendimento que os demais sujeitos. Assim, algumas das características tendem a variar segundo a intensidade do transtorno e a idade em que o quadro é diagnosticado; um sintoma isolado não é sinal de dislexia, mas sinais persistentes devem ser avaliados por um psicólogo especializado em dislexia. Dessa forma

A intensidade com que aparecem também pode variar de pessoa para pessoa, variando desde muito leve (muitas vezes imperceptível) a muito severa. Geralmente a dislexia começa a ser notada por volta dos 6 ou 7 anos de idade, na fase da alfabetização, quando os fracassos começam a se destacar. Porém, em idades mais precoces, ainda na pré-escola, já é possível algumas características de uma criança de risco para desenvolver problemas de leitura. (GÜTSCHOW, 2003, p. 3)

Sabemos que a dislexia ocorre por alterações no cromossoma, assim, alguns especialistas na área dizem que o primeiro sinal costuma ser a dificuldade na fala, ou seja, a criança demora mais do que o esperado para começar a falar, vindo a desenvolver problemas futuros na percepção fonética e começando a pronunciar palavras erradas, pois não consegue assimilar um som ao outro das sílabas e letras. Outro comportamento evidente da pessoa com dislexia é a confusão com a organização espacial, confundir a direita com a esquerda, o que faz com que a pessoa escreva de maneira invertida, ao invés da esquerda para a direita a pessoa escreverá da direita para a esquerda, ou até mesmo inverter a ordem das sílabas de uma palavra, como também pode trocar as letras que apresentam uma grafia similar (b por d, m por w, p por q). Como também, durante a leitura, habitualmente a pessoa sente a necessidade de acompanhar a linha com o dedo para não perder a compreensão do texto.

De acordo com a Psicolinguística, a criança em idade escolar que apresenta alguma dificuldade de aprendizagem é definida como um fracasso inesperado na aprendizagem da leitura, que é a dislexia, na escrita (disgrafia) e na ortografia (disortografia), na idade em que se imagina que essas habilidades já devem ser aprendidas. Desse modo:

A dislexia, como dificuldade de aprendizagem, verificada na educação escolar, é um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em geral, a criança tem dificuldade em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia, mesmo tendo Quociente de Inteligência (Q.I) acima da média. (MARTINS, 2003, p. 5-6)

Após o diagnóstico de o aluno disléxico ter sido feito por um neurologista, o professor pode adotar alguns procedimentos que auxiliem na aprendizagem desta criança. O primeiro deles é que a criança disléxica sente-se próximo ao professor, assim, durante a aula este aluno pode ser acompanhado e receber auxílio, caso necessite, para realizar as atividades.

Sabemos que o aluno disléxico possui dificuldade em decodificar textos. Devido a isso, é importante salientar que o professor não deve pedir para que este aluno leia em voz alta em frente a turma, visto que poderá criar uma situação constrangedora e desconfortável para a criança. Caso o professor necessite averiguar a leitura da criança, solicite que a mesma leia apenas para ele.

Quando o professor for explicar algum conteúdo para o aluno disléxico, é necessário utilizar de uma linguagem clara e direta, além de verificar se a criança compreendeu. Já que as crianças que possuem dislexia, muitas vezes, apresentam dificuldade em entender linguagens simbólicas.

Quanto às avaliações das habilidades e conhecimentos adquiridos, devem ser feitas, preferencialmente, de forma oral. Caso sejam escritas, o professor deve ler as questões para o aluno, aumentar o tempo para ele responder e, ao final do teste, ler junto com o aluno as respostas que o mesmo escreveu, para certificar-se de que o que criança escreveu está condizente com o que ele pensou para determinada questão.

Outro fator essencial é em relação a autoconfiança do aluno disléxico. Muitas dessas crianças tendem a ter a autoestima baixa, devido a comparação entre suas dificuldades e o desenvolvimento de um aluno dito normal. O educador precisa estar sempre presente e mostrar a este aluno que ele possui uma dificuldade específica, mas é bom muitas outras coisas. Como afirma Montanari apud Hennigh (2015, p. 22):

o papel do professor frente ao disléxico deve ser de orientador e facilitador, proporcionando um ambiente estimulante e de apoio. Ainda pode junto com o aluno estabelecer objetivos que este deseja alcançar, motivando o estudante. O papel do professor frente ao disléxico deve ser de orientador e facilitador, proporcionando um ambiente estimulante e de apoio. Ainda pode junto com o aluno estabelecer objetivos que este deseja alcançar, motivando o estudante.

Porém, sabemos que não existe uma receita pronta para o professor ministrar sua aula, de forma que às dificuldades do seu aluno disléxico sejam atendidas seguindo um padrão, já que cada um apresenta um nível diferenciado. Dessa forma, o educador precisa conhecer o seu aluno, buscar sempre novos conhecimentos para melhorar suas práticas pedagógicas, além de estabelecer uma relação saudável entre a família e a escola, de modo que um auxilie o outro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: PESQUISANDO A DISLEXIA NA ESCOLA

Realizamos esta pesquisa na intenção de investigar o que o professor da educação básica entende por dislexia, caso tenha algum aluno que apresenta o transtorno, se utiliza metodologias adequadas para integrar esse aluno em sala de aula e quais as dificuldades que o mesmo enfrenta no dia a dia em relação a este tema.

Realizamos uma entrevista com a professora da aluna disléxica, na qual utilizamos como coleta de dados um questionário oral com perguntas abertas sobre o tema abordado. A primeira pergunta foi em relação ao que a professora entende por dislexia, a mesma respondeu que: *Dislexia é um distúrbio de aprendizagem específico de uma criança. A gente descobre através das atividades e da relação que a criança tem com outras crianças em sala de aula.* Podemos identificar que a resposta dada pela professora é de certa forma equivocada. A dislexia é sim um distúrbio de aprendizagem específico, mas segundo Martins (2003), esse

distúrbio afeta a aprendizagem em relação à leitura e a escrita da criança, e só se apresenta a partir do momento em que a criança entra em contato com a linguagem escrita, dessa forma, esse déficit não irá afetar diretamente a interação da criança com os colegas em sala de aula, não sendo, assim, um aspecto para diagnosticar a dislexia.

O segundo questionamento feito foi se a professora possuía algum aluno com dislexia e caso a resposta fosse sim, se esse aluno possuía diagnóstico. Visto isso, a professora relatou que: *Sim, tem uma criança na minha sala que possui dislexia. Na verdade, o diagnóstico quem fez foi eu, na sala de aula. Durante todo o ano, no percurso anual, eu fui observando através das atividades e conversando com ela, diagnostiquei que ela tem dislexia. Principalmente porque ela escreve espelhado, de trás para frente.* A atitude que a professora teve em dizer que “diagnosticou” a dislexia na criança é errônea, pois o único profissional que pode diagnosticar é um psicólogo. Como afirma Montanari apud Hennigh (2015), a professora pode sim suspeitar ou induzir, já que ela estará em contato diário com o aluno, mas para obter total certeza, a criança deve ser encaminhada ao psicólogo.

Em seguida, passamos a questionar como a professora lida com essa criança e se possui metodologias adequadas e diferenciadas para ensiná-la. A professora, então, respondeu: *Eu trabalho diferenciado com ela. O mesmo conteúdo, mas a atividade diferenciada (tá entendendo?!). Eu passo uma atividade mais simples, porém com o mesmo conteúdo. Porque como ela tem dislexia, aparenta um pouco de dificuldade de aprendizagem, ela não acompanha a aprendizagem dos outros alunos que não têm esse problema.* A dislexia se caracteriza por um déficit no processamento fonológico, ou seja, ela possui dificuldade na soletração e decodificação bem como no reconhecimento das palavras, mas isso não interfere no seu desenvolvimento intelectual. Dessa forma, a criança tem a capacidade de acompanhar o mesmo conteúdo e as mesmas atividades propostas para as outras crianças, necessitando assim, apenas de um acompanhamento específico na hora da leitura e da escrita.

Já em relação a quais as principais dificuldades encontradas para ensinar a criança disléxica, a professora respondeu que: *É a atividade que eu tenho que fazer diferenciada. Porque, praticamente, eu faço dois planos de aula, um para a turma inteira e um que eu tenho que fazer específico para ela. Porque como eu faço as atividades diferentes, então eu tenho que me especificar em outro plano de aula, em outra rotina.* Titoni (2010) afirma que não é necessário a elaboração de um plano de aula específico ou de atividades diferenciadas para um aluno com dislexia. O mais importante para que a criança realize as atividades é o auxílio da professora no momento da leitura, pois seu déficit não é intelectual, mas sim fonológico, necessitando apenas de uma assistência adequada durante a escrita e a leitura.

O último questionamento feito foi acerca de como a família lida com a criança e se acompanha o processo escolar. A professora respondeu que: *Esse é um caso muito sério. A família não acompanha a menina na escola, a gente já pediu pra que trouxesse e levasse ela no médico para ter um diagnóstico de dislexia. Mas a mãe e a família não acompanham a criança, assim, a gente chama, conversa, ela leva as atividades pra casa, mas volta tudo em branco, a mãe não ajuda a responder. Então, assim, todo o acompanhamento que a menina tem é só na sala de aula mesmo. Saiu da escola para ir pra casa, ela não tem acompanhamento nenhum.* A falta de diagnóstico e de um acompanhamento específico, tanto por parte da família quanto de um psicólogo, dificulta ainda mais o desenvolvimento da criança com dislexia, como visto, o único acompanhamento que ela recebe é o da professora. Como diz Carneiro (2011), é de suma importância que tanto os professores, quanto os pais proporcionem meios para o desenvolvimento da criança disléxica. Caso a criança não receba apoio, principalmente dos pais, ocasionará um sentimento de incapacidade e falta de autoconfiança. Na maioria das vezes, a família carrega um sentimento de negação pelo fato de a criança possuir algum déficit, ou acha que é apenas uma fase. Mas é muito importante que a família esteja consciente e que acompanhe a criança de forma que favoreça o seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que foi mencionado e analisado a respeito da dislexia em sala de aula, podemos afirmar que o professor é um fator decisivo para determinar o fracasso ou sucesso escolar, a frustração ou a melhoria no desempenho da qualidade e do prazer de estudar e aprender do sujeito.

A partir desta pesquisa foi possível percebermos que o maior, se não o único acompanhamento que a criança tem é a professora. Ela foi a primeira a identificar que a criança apresentava possíveis sinais de dislexia. Porém, diante de tal afirmativa, ressaltamos que um diagnóstico exato não deve ser responsabilidade da professora, pois isso é dever de um profissional especializado na área. Com isto, devemos destacar a importância do olhar que o professor deve ter com seus alunos. Assim, nota-se que o papel do professor é essencial não só para identificação da dislexia, mas também para a intervenção e desenvolvimento integral da própria criança. Visto que é na escola que a criança passa grande parte do seu tempo.

Por fim, avaliamos que este estudo é de grande relevância, pois o mesmo nos possibilitou ter um novo olhar para com as nossas crianças, como também para o nosso papel de docente. Assim, ressaltamos a importância de se haver uma formação baseada na inclusão,

desde o início da graduação até a formação continuada. Com isto, frisamos que a partir do momento que se há investimentos na educação que valorizem o professor em formação, é permitido que o mesmo se expresse com clareza e criticidade sobre temas pertinentes que venham a fazer parte do dia a dia do pedagogo, visto que nos deparamos com salas de aula cada vez mais heterogêneas e inclusivas. Portanto, julgamos fundamental destacar o poder que o professor tem diante do campo educacional, desde que o mesmo esteja capacitado para tal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CONDEMARIN, Mabel, BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia:** manual de leitura corretiva. Tradução: Ana Maria Netto Machado. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbios da aprendizagem e transtornos da atenção: algumas reflexões. In: MALUF, Maria Irene. **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade.** Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo: ABPp, 2006. cap.17, p. 237-243.

CARNEIRO, Sofia R. C. **Atitude dos Pais e Professores perante Crianças com Dislexia.** Dissertação (Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor) - Escola Superior de Educação Almeida Garrett,; Orientador: Rafael António da Silva Pereira. 2011.

FUNAYAMA, Carolina Araújo Rodrigues. **Problemas de aprendizagem.** São Paulo: Editora Alínea, 2000.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas,** São Paulo, v.35, n.3, 1995, p. 20 – 29.

GÜTSCHOW, C. R. D. **Dislexia do desenvolvimento: intervenção e prevenção,** 2004. Disponível em: <<http://www.profala.com/artdislexia9.htm>>

MARTINS, Vicente. **A dislexia em sala de aula.** In: PINTO, Maria Alice Leite (Org). Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares. São Paulo: Olho d'água, 2003.

ROTTA, Newra Tellechea, et al. **Transtornos da aprendizagem:** Abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TITONI, Cátia Cilene da Silveira. **Dislexia na Educação Escolar:** técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - PEAD) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Orientador: Natalia de Lacerda Gil. 2010.